

**A BUSCA PELO RECONHECIMENTO DA IDENTIDADE  
SOCIOLINGUÍSTICA NACIONAL: DISCUSSÃO SOBRE  
FENÔMENOS VARIÁVEIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO/  
SEARCH FOR NATIONAL SOCIOLINGUISTIC IDENTITY  
RECOGNITION: A DISCUSSION ON VARIABLE  
PHENOMENA OF BRAZILIAN PORTUGUESE**

*Vinícius de Lacerda\**

*Vânia Aquino\*\**

**Resumo:** O Português Brasileiro, língua nacional, falada e usada no Brasil, tem sua origem sócio-histórica atrelada ao Português Lusitano. A constituição da norma-padrão (gramatical) se deu nos moldes da fala e da escrita portuguesas. Apesar de as diferenças entre as duas línguas serem claras e percebidas por ambos os povos, os brasileiros ainda aprendem, equivocadamente, regras e preceitos ligados à língua falada em Portugal, deixando-se de lado características e marcas que representam a identidade sociolinguística nacional. Esta pesquisa investiga e caracteriza, considerando a atitude dos falantes diante de fenômenos variáveis da língua portuguesa, aspectos da língua falada no Brasil que apontam pos-

---

\* Licenciado em Letras pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: [viniciuslmdf@gmail.com](mailto:viniciuslmdf@gmail.com)

\*\* Mestra em Língua pela Universidade de Brasília. Professora do curso de Letras da Universidade Católica de Brasília. E-mail: [vaniaa@ucb.br](mailto:vaniaa@ucb.br)

síveis traços de uma identidade sociolinguística brasileira. A pesquisa foi exploratória e quantitativa, tendo como marco teórico e metodológico o modelo sociolinguístico variacionista. Foram utilizados testes de reconhecimento linguístico, com o objetivo de promover a avaliação, o reconhecimento e a valorização das variedades linguísticas brasileiras. Observou-se neste trabalho que os falantes cultos selecionados mostraram-se conscientes acerca da questão essencial de se reconhecer essa identidade sociolinguística brasileira, avaliando e julgando alguns fenômenos variáveis do português brasileiro como variedades mais próximas de seu repertório linguístico em situações de fala menos monitorada. Isso contribui ainda mais para uma verdadeira conscientização sobre a existência e o reconhecimento de uma língua que, futuramente, pode vir a ser brasileira.

**Palavras-chave:** sociolinguística; português brasileiro; variedades linguísticas brasileiras; norma padrão; identidade sociolinguística brasileira.

***Abstract:** Brazilian Portuguese, the national language, spoken and used in Brazil, has its socio-historical origins tied to European Portuguese. The establishment of a standard norm (grammar) took as its basis the manner of speaking and writing of the Portuguese. Although the differences between the two languages are clear and perceived by both peoples, Brazilians still learn, wrongly, rules related to the language spoken in Portugal, leaving aside features and mark that represent the national sociolinguistic identity. This research investigates and features, considering the attitude of the speakers in front of the variable phenomena of the Portuguese language, aspects of the Brazilian spoken language that points to possible traces of a Brazilian sociolinguistic identity. The research was exploratory and quantitative, with the theoretical and methodological model of the variationist Sociolinguistics.*

*Linguistic recognition tests were used in order to promote the evaluation, the recognition and the appreciation of language varieties in Brazil. It was found in this work that the selected educated speakers showed an awareness of the essential question of recognizing this Brazilian sociolinguistic identity, evaluating and judging some variable phenomena of Brazilian Portuguese as their closest linguistic repertoire in less monitored speech situations. This contributes even more to an actual awareness of the existence and recognition of a language that might be Brazilian in the future.*

**Keywords:** *sociolinguistic; brazilian portuguese; brazilian linguistic varieties; standard norm; brazilian sociolinguistic identity.*

## **Introdução**

A língua portuguesa, assim como todas as línguas faladas no mundo, passou pelo processo natural da mudança. Esta mudança ocorreu tanto na língua falada em Portugal, quanto na língua falada no Brasil. As diferenças entre o português europeu e o português brasileiro são evidentes e representam o objeto de discussão constantemente entre os estudiosos da linguagem – mesmo concebendo-se que as raízes da língua do Brasil estão fincadas na língua europeia. Entretanto, tais mudanças colocam em posição de destaque a língua de lá, numa tentativa errônea e injustificada de torná-la a “língua modelo”, a “língua correta”, a “língua ideal”, a “língua padrão”. Ao se conceber esta ideologia, deixa-se de lado o reconhecimento de uma identidade sociolinguística brasileira, que representa todo um conjunto de atitudes e variedades efetivamente usadas no Brasil e com a qual os brasileiros realmente se identificam. A questão da língua está diretamente associada à cultura, à história e à identidade de um povo, dos falantes que dela se utilizam em suas relações sociais.

Dessa forma, este trabalho propõe uma tentativa de caracterização e reconhecimento de uma identidade linguística própria e coerente com a realidade linguística e social do país. Torna-se, pois, necessário um resgate de valores, de características e de fatos que, se não comprovam, pelo menos criam novas pers-

pectivas e novas motivações para que se compreenda essa situação. Essa tentativa será reforçada por meio de um questionamento sério e reflexivo sobre as variedades usadas no Brasil em comparação às formas tidas como “normativas”, as quais não são capazes de representarem os falares brasileiros em sua totalidade, porém se mostram apenas como um modelo artificial e sem nenhuma relação com a verdadeira realidade sociolinguística nacional.

Este trabalho tem como objetivo principal investigar e caracterizar, considerando a atitude dos falantes diante de fenômenos variáveis da língua portuguesa, aspectos da língua falada no Brasil que apontam traços de uma identidade sociolinguística brasileira. Esta investigação tem como marco teórico e metodológico a teoria sociolinguística variacionista. Além disso, busca-se caracterizar fenômenos variáveis da língua, a partir da sua apreciação e relevância na literatura existente e apontar possíveis caminhos para a tentativa de caracterização de uma identidade sociolinguística nacional.

Para alcançarmos esses objetivos, partimos dos seguintes questionamentos: Que língua, de fato, usamos e falamos no território nacional? Se for o Português, é a mesma língua usada em Portugal? Falamos uma língua que ainda deve ser chamada de Português? Há no Português Brasileiro marcas e características que podem evidenciar traços de uma identidade sociolinguística brasileira?

Falar em identidade sociolinguística é algo delicado e complexo, pois, em se tratando de estudos sobre linguagem e língua, o trabalho de um linguista nunca se esgota somente com definições e afirmações acerca deste tema, o qual requer uma série de cuidados e um extenso conjunto de ponderações e hipóteses. Ao se tratar de identidade, é preciso se ter em mente que estamos nos referindo a pessoas que falam, agem e vivem de maneira completamente diferente umas das outras, porém compartilhando contextos e situações comuns, as quais trazem consigo toda uma bagagem social, histórica, cultural, pessoal e toda uma gama de variedades faladas e usadas de diferentes maneiras e em diferentes momentos. Sobre a questão da(s) identidade(s), observa-se que:

Entre os pesquisadores que se interessam pela questão da identidade, já não há mais quem, em sua consciência, acredite que as identidades se apresentam como prontas e acabadas. Pelo contrário, acredita-se, em larga escala, que as identidades estão, todas elas, em permanente estado de transformação, de ebulição. Elas estão sendo constantemente reconstruídas. Em qualquer momento dado, as identidades estão sendo adaptadas e adequadas às novas circunstâncias que vão

surgindo. A única forma de definir uma identidade é em oposição a outras identidades em jogo. Ou seja, as identidades são definidas estruturalmente. Não se pode falar em identidade fora das relações estruturais que imperam em um momento dado (RAJAGOPALAN, 2003, p.71).

O trabalho que se segue apresentará, inicialmente, o marco teórico-metodológico e os materiais usados para a construção da pesquisa. Em seguida, serão apresentados os resultados da coleta, análise dos dados e discussão sobre os resultados e comparação com os principais trabalhos já realizados na área. Com isso, esperamos demonstrar que essas marcas sociolinguísticas encontradas no Português Brasileiro, em comparação às formas do Português Lusitano, compõem o nosso cenário e a nossa realidade brasileira, podendo caracterizar e evidenciar a nossa identidade.

## 1 O papel fundamental da sociolinguística

Como já mencionado anteriormente, trataremos desse assunto tomando como base teórica as contribuições da sociolinguística variacionista. Seus apontamentos teóricos nos ajudam a compreender o objeto de nossa pesquisa no que tange à maneira como ela trata do fenômeno linguístico, porém não se esgotam em si mesmos, uma vez que estamos lidando com um tema complexo, polêmico e toda essa descrição nos conduz a hipóteses, e não a conclusões definitivas.

Na visão sociolinguística, a língua é vista como um fenômeno social, dinâmico justamente pelo fato de estar intrinsecamente ligada à sociedade e, por conseguinte, às pessoas que dela se utilizam em suas relações sociais, culturais, pessoais, familiares, profissionais etc. Isso porque, segundo Alkmim (2003, p.31, grifo do autor):

[...] podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a *comunidade linguística*, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Em outras palavras, uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras.

Em outras palavras, “por meio do estudo direto da língua em seu contexto social, o montante de dados disponíveis se expande enormemente e nos oferece formas e meios de decidir qual das várias análises possíveis está correta.” (LABOV, 2008, p.237).

Uma teoria sociolinguística, dentre outras coisas, é a base para se estudar, analisar e propor uma compreensão mais detalhada e clara, empiricamente, sobre os fenômenos sociolinguísticos, em que se verificam variações e mudanças nas línguas. Todas as línguas do mundo, em qualquer região, época ou contexto histórico-político-social, mudam e variam e essa mutabilidade, de acordo com a Sociolinguística, pode ser sistematizada, organizada, estudada e analisada, caracterizando-se, desse modo, a heterogeneidade linguística, inerente a qualquer idioma existente no mundo.

Tarallo (2007, p.81) aponta que essa possibilidade se dá porque a língua falada é heterogênea e variável; a variabilidade da fala é passível de sistematização. Além disso, “[...] o caráter heterogêneo da língua falada é simplesmente uma questão de aparência: à heterogeneidade subjaz um sistema, devidamente estruturado!” Sobretudo, é na fala que encontramos formas linguísticas “estigmatizadas” por não estarem de acordo com a norma-padrão artificial, mas que, nas palavras de Roncaratti (2008, p.52, grifo nosso) “[...] possuem, muitas vezes, uma função de garantir a *identidade do indivíduo* com um determinado grupo social, um sistema de valores definidos. Isso é, são formas partilhadas no interior de um grupo e assinaladoras de sua individualidade com relação a outros grupos sociais.” Em síntese:

O objetivo central da Sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente relacionar a *heterogeneidade linguística* com a *heterogeneidade social*. Língua e sociedade estão indissoluvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma construindo a outra. Para o sociolinguista, é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada [...] (BAGNO, 2008, p.38, grifo do autor).

## **2 Procedimentos metodológicos: preparando o terreno**

Sobre os procedimentos de análise da sociolinguística variacionista, nos ensina Labov (2008, p.236, grifo do autor) que:

Para lidar com a *língua*, temos de olhar para os dados da fala cotidiana o mais perto possível, e caracterizar seu relacionamento com as teorias gramaticais do modo mais acurado que pudermos, corrigindo e adequando a teoria para que ela se ajuste ao objeto visado. Podemos, assim, reexaminar os métodos que temos empregado, numa investigação que fará crescer enormemente nosso entendimento do objeto que estamos estudando.

Além disso, ao se fazer pesquisa sociolinguística, o pesquisador precisa delimitar a chamada comunidade linguística, onde serão colhidos os dados mediante a aplicação de testes e/ou questionários e onde serão realizadas as entrevistas. Esse teste foi respondido por estudantes do curso de Letras da Universidade Católica de Brasília, os quais representam a nossa comunidade de fala. Para o trabalho que se segue, adotamos um modelo de teste chamado “Teste de Reconhecimento Linguístico”. Além disso, buscou-se traçar um perfil do informante, a partir de dados como o local onde nasceram e há quanto tempo moram em Brasília, faixa etária<sup>1</sup>, sexo, há quanto tempo concluíram o ensino médio<sup>2</sup> e que semestre estão cursando. Ressaltamos que não houve influência relevante de nenhuma categoria nos resultados do questionário.

Selecionamos estudantes do curso de Letras, pois acreditamos que pelo fato de estudarem e analisarem a língua sob diversas teorias (inclusive a Sociolinguística) poderiam compreender melhor o objetivo do teste e, dessa forma, a importância da discussão sobre o tema em questão.

O teste foi organizado considerando fenômenos do Português Brasileiro que ocorrem com mais frequência na fala e que variam em relação à gramática normativa, fenômenos estes que são o *corpus* de nossa pesquisa, os quais foram selecionados a partir de informações existentes na literatura consagrada da área. Trata-se de 14 (quatorze) questões contendo cada uma 3 (três) alternativas. Cada alternativa contém sentenças que demonstram formas linguísticas de acordo com a norma-padrão (faladas em Portugal e, eventualmente, no Brasil), outras de acordo com a fala culta brasileira e, por fim, estruturas mais aproximadas e relacionadas com a fala menos monitorada dos brasileiros – não necessariamente nessa ordem e podendo aparecer em cada questão duas das formas faladas em Portugal ou duas

---

<sup>1</sup> Foram escolhidas quatro faixas etárias que são: FE1 – de 16 a 22 anos; FE2 – de 23 a 30 anos; FE3 – de 31 a 40 anos; FE4 – acima de 40 anos.

<sup>2</sup> Em relação ao tempo de conclusão do ensino médio, os estudantes estão assim divididos: TC1 – até 2 anos; TC2 – de 2 a 5 anos; TC3 – de 5 a 10 anos; TC4 – acima de 10 anos.

das formas faladas no Brasil. Essas alternativas deveriam ser numeradas de 1(um) a 3(três) para se testar o grau de identificação e de reconhecimento das formas que mais ou menos se aproximam das que os falantes usam, sendo 1 as formas mais próximas, 2 as formas não tão comumente usadas e 3 as mais distantes.

Ao total, foram analisados 91 testes e esperávamos que os informantes reconhecessem e se reconhecessem como falantes das sentenças mais próximas de suas falas naturais e espontâneas, demonstrando, dessa forma, a diferença entre a língua que é falada e a que é estudada no Brasil, bem como a existência de características sociolinguísticas que apontam para uma identidade sociolinguística brasileira.

### **3 Enfim, as evidências**

Neste momento, vamos nos concentrar nos resultados obtidos por meio da aplicação dos testes. Esses resultados serão, num primeiro momento, apresentados e comparados e, posteriormente, analisados sob a perspectiva da sociolinguística variacionista. Inicialmente, precisamos caracterizar o grupo dos informantes que concederam os dados<sup>3</sup>. A maior parte dos informantes é do sexo feminino, com até 30 anos de idade, que concluíram o Ensino Médio há, no máximo, 5 anos e que estão concluindo o curso de Letras.

### **4 Conhecendo a realidade sociolinguística brasileira**

Os fenômenos variáveis que compõem o teste aplicado representam formas linguísticas estudadas por vários sociolinguistas e sua utilização, prevista na gramática normativa, difere muito da ocorrência na fala menos monitorada – e em alguns casos, na fala culta dos brasileiros. Os fenômenos são: colocação pronominal (ou clítica); pronome sujeito; pronome objeto; oração relativa; passiva sintética<sup>4</sup>; regência verbal; verbo impessoal; alternância indicativo-subjuntivo. Estes fenômenos são objetos de pesquisa e temas discutidos por vários autores na

---

<sup>3</sup> Vamos desconsiderar de nossa análise as categorias “origem” e “tempo de residência em Brasília”, pois a maioria das pessoas que participaram do teste não informou estes dados.

<sup>4</sup> A questão referente a este fenômeno foi desconsiderada após a aplicação do teste, em função de problemas na sua elaboração. Dessa forma, não será analisada neste trabalho.

literatura existente, pois representam formas do português brasileiro que, ao longo dos anos, apresentaram variações significativas e marcam a fala dos brasileiros.

Para efeito de análise, separamos e classificamos as formas variáveis em 3 categorias: formas do Português mais faladas em Portugal (PE+); formas do Português mais faladas no Brasil (PB+); e, por fim, formas do Português menos faladas no Brasil (PB-). Essa divisão segue o propósito de nossa pesquisa ao indicarmos quais das formas os informantes brasileiros mais se identificam e, com isso, mostrar quais delas podem, de fato, representar as variedades que compõem o seu repertório linguístico. Acerca dessas variedades, Alkmin (2003, p.39) aponta que:

[...] em qualquer comunidade de fala, podemos observar a coexistência de um conjunto de variedades linguísticas. Essa coexistência, entretanto, não se dá no vácuo, mas no contexto das relações sociais estabelecidas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade. Na realidade objetiva da vida social, há sempre uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso, que reflete a hierarquia dos grupos sociais. Isto é, em todas as comunidades existem variedades que são consideradas superiores e outras inferiores.

Essas variedades estão diretamente associadas aos aspectos externos à língua (extralinguísticos ou variáveis sociais), tais como idade, sexo, classe social, espaço geográfico, grau de escolarização etc., e também às mudanças em relação aos aspectos internos da língua (intralinguísticos ou estruturais), tais como fonética e fonologia, morfologia, sintaxe etc. (CALVET, 2007).

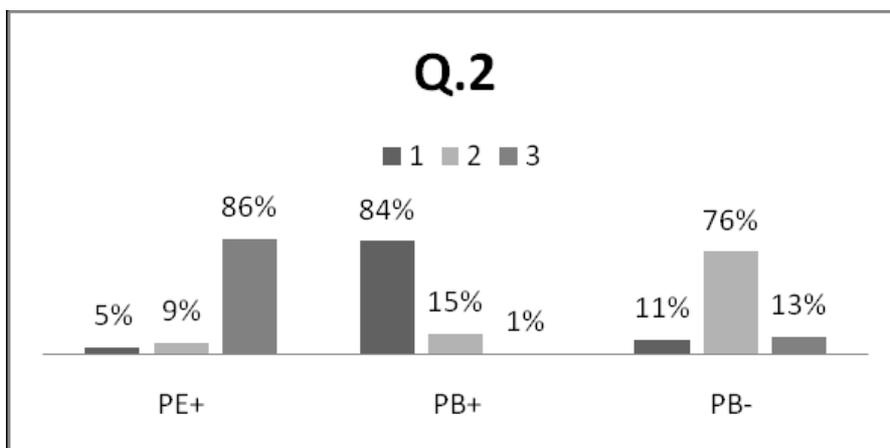
A compreensão desses fenômenos e daquilo que os falantes acreditam ser mais próximo de seu repertório linguístico são de suma importância para a discussão dos resultados deste trabalho, pois, desse modo, poderemos mostrar como alguns desses fenômenos já se consolidaram na fala natural e na fala monitorada dos falantes e, em alguns casos, na escrita monitorada das pessoas que passaram pelo ensino escolar sistemático.

Ao analisarmos as questões que continham formas variáveis do português, observamos um fato importante: em 9 das 13 questões, os informantes optaram por variedades do português brasileiro que não pertencem à norma-padrão (o que nos remete à questão da formação desta norma, já apresentada em outro ponto do trabalho), seja considerando-a como a variedade mais próxima (1) ou como uma variedade intermediária (2). Optamos por apresentar três dos resultados em que os informantes consideraram as formas brasileiras mais próximas de seu repertório linguístico e, por conseguinte, as formas mais usadas no português europeu como

as mais distantes e menos usadas. Logo na questão 2, podemos observar essa situação:

Q.2 – Durante uma conversa entre alunos, um deles questiona sobre a ausência do outro na aula de língua portuguesa e sobre o conteúdo perdido. O amigo então responde:

- ( ) – O professor estar-me-á ensinando o conteúdo de língua portuguesa amanhã. (PE+)
- ( ) – O professor estará me ensinando o conteúdo de língua portuguesa amanhã. (PB+)
- ( ) – O professor me estará ensinando o conteúdo de língua portuguesa amanhã. (PB-)



Os resultados acima mostram que a maioria dos informantes indicou que a variedade que mais se aproxima de seu repertório linguístico é a forma considerada mais falada no Brasil, seguida pela forma menos falada no Brasil, ou seja, a variedade PB-: esta variedade está de acordo com a norma-padrão portuguesa, mas representa uma forma mais antiga da Língua Portuguesa. Sendo assim, a forma considerada mais falada em Portugal e que está de acordo com a gramática é a menos usada pelos falantes brasileiros consultados.

Sobre a colocação pronominal, é sabido que as gramáticas apontam para o uso da ênclise como a forma predominante, ou seja, a colocação dos pronomes denominados oblíquos (ou clíticos) deve ser feita, exceto raras exceções, após o verbo, pois funcionam, sintaticamente, como complementos do verbo. No entanto, é de conhecimento de todos que, no Brasil, a próclise (colocação do pronome antes dos verbos) é muito frequente, principalmente no início das sentenças faladas. Seu uso só é previsto, gramaticalmente falando, quando ocorre a “atração” dos pronomes por meio de palavras como advérbios, pronomes pessoais, conjun-

ções, preposições etc., porém essa “teoria de atração” nada mais é do que uma criação dos gramáticos para preservarem as tradições linguísticas lusitanas. Bagno (2009, p.98) mostra-nos a importância dessa discussão, ao afirmar que:

A colocação pronominal é o aspecto gramatical que melhor revela a subserviência da nossa tradição purista frente aos modelos importados de Portugal. As regras que as gramáticas prescrevem funcionam muito bem para a língua dos portugueses – simplesmente porque elas correspondem aos usos reais que os portugueses fazem dos pronomes, usos que decorrem das características fonético-fonológicas da língua deles. Os portugueses não “erram” na hora de colocar os pronomes porque, para sorte deles, as colocações consideradas certas são as que eles já usam, naturalmente, intuitivamente! Por que não pode ser assim também no Brasil?

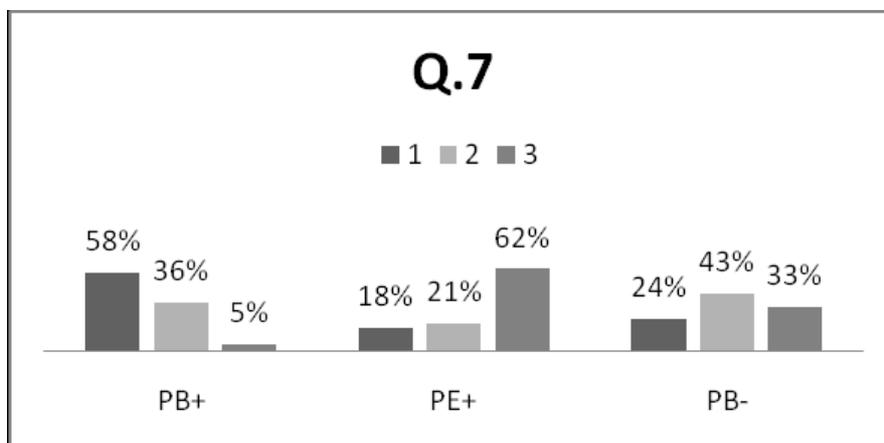
Por isso, para o mesmo autor (2009) o uso da ênclise é exagerado e prescritivo e nada tem a ver com a fala dos brasileiros, podendo aparecer em construções na escrita. Em se tratando da mesóclise (no “meio” do verbo, quando este aparecer na forma do futuro do presente ou do pretérito), seu uso é raro e dificilmente aparece na escrita de algumas pessoas mais cultas.

A situação apresentada no parágrafo anterior corrobora com a visão de Galves (1998) ao apontar que a tendência da colocação pronominal com locução verbal, no português brasileiro, é o pronome ligar-se mais ao verbo que carrega as marcas de tempo de concordância. Para tanto, podemos comprovar a tendência natural dos brasileiros em utilizarem a próclise como marca comum na colocação pronominal do Português Brasileiro.

Apresentamos, neste momento, os resultados da questão 7 que confirmam a ideia inicial desta análise:

Q.7 – Dois amigos estão conversando. Um deles questiona para o outro sobre a possibilidade de compra de um carro. O amigo responde:

- Comprei ontem à vista. (PB+)
- Comprei-o ontem à vista. (PE+)
- Comprei ele ontem à vista. (PB-)



Novamente, podemos observar a atitude do falante em relação às formas variáveis apresentadas na questão: a forma mais falada no Brasil é a que mais se aproxima do repertório dos informantes, seguida pela forma menos falada no Brasil e, por último, a mais falada em Portugal. Precisamente nessa questão, encontramos um fato extremamente relevante: das formas apresentadas, os informantes optaram por duas que não são contempladas pela norma-padrão, ou seja, a variedade construída com o objeto nulo (PB+) e a variedade denominada copiadora (PB-). Isso mostra que o objeto nulo é a forma preferida pelos brasileiros, seguido do pronome tônico e do clítico (no último caso, já se caracteriza como uma mudança em curso). (GALVES, 1998).

Nos reportando à questão dos pronomes – e neste caso, dos pronomes oblíquos que funcionam como objeto direto – nos diz a gramática que nunca podemos usar os pronomes sujeitos no lugar daqueles, ao não ser quando formam objetos indiretos. No entanto, como nos mostra Bagno (2009, p.143, grifo do autor) “se tem uma coisa que a gente pode afirmar com muita segurança a respeito do português brasileiro é que na nossa língua – em sua modalidade falada espontânea – os pronomes oblíquos de 3ª pessoa – *o, a, os, as* – estão praticamente extintos.” Essa afirmação se justifica, segundo o autor, pelo fato de que só usam esses pronomes as pessoas que passaram pelo processo escolar, mas nem por isso utilizam na fala e, em alguns casos, aparecem somente na escrita.

Dessa forma, podemos encontrar no português brasileiro três formas distintas de se formar objetos diretos com os pronomes oblíquos (BAGNO, 2002): a estratégia com os pronomes oblíquos (que está relacionada com a norma-padrão);

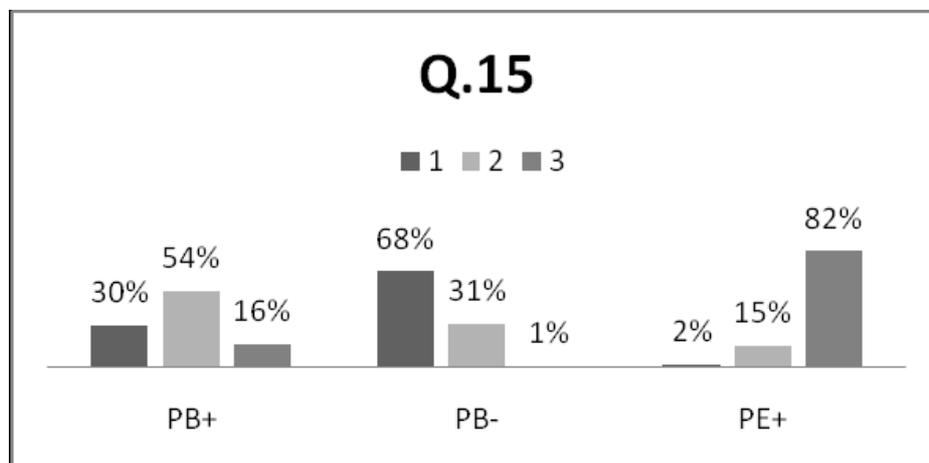
a retomada com pronome reto (forma mais antiga, porém mais usada que a anterior); e, por fim, a estratégia do objeto nulo (categoria vazia, estratégia de pronominalização mais usada pelos falantes cultos). É preciso que haja uma “reorganização do quadro de pronomes do português brasileiro” nas gramáticas e materiais didáticos (BAGNO, 2009).

Calles (2006) defende essa visão, ao mostrar que o uso do pronome pessoal *ele* em lugar do oblíquo (ou clítico) *o* trata-se de uma mudança no sistema pronominal do Português Brasileiro – além disso, os falantes mais cultos consideram aquela forma como mais “errada” e esta forma como muito “rebuscada”. Essa situação, pois, dá margem para o aparecimento do objeto nulo como a variedade “menos errada”, mas que se configura como a preferida pela maioria dos brasileiros.

Finalizando a análise dos fenômenos variáveis do português e da escolha por parte dos falantes pelas formas não-padrão, apresentamos os resultados da questão 15:

Q.15 – Durante uma apresentação de um seminário, uma aluna não se sente à vontade para falar e você, como professor (a), percebe que ela está nervosa. Para acalmá-la, você diz:

- ( ) – Não fica nervosa, fala devagar. Acredito que você consegue apresentar o seminário. (PB+)
- ( ) – Não fique nervosa, fale devagar. Acredito que você consiga apresentar o seminário. (PB-)
- ( ) – Não fiques nervosa, fales devagar. Acredito que consigas apresentar o seminário. (PE+)



Nesta questão, temos novamente a comprovação do que nos propomos com esta pesquisa: a maior parte dos informantes optou pelas formas do português brasileiro e, no caso da variedade PB+, trata-se de uma variedade não contemplada pela norma-padrão. Nota-se mais um caso de mudança em curso, em que a variedade-

de PE+ é cada vez menos utilizada pelos brasileiros. Os resultados dessa questão corroboram com os resultados da questão 5, pois mostram a mudança no uso dos pronomes pessoais de segunda pessoa e cada vez mais frequente o uso dos verbos na terceira pessoa.

A tradição gramatical nos mostra que as formas verbais do imperativo afirmativo relacionadas à 2ª pessoa são derivadas do indicativo sem o –s; as demais são derivadas do subjuntivo; no imperativo negativo, todas são derivadas do subjuntivo. Ocorre que, em várias regiões do Brasil, os falantes optam pelo pronome de 2ª pessoa (tu), contudo, na maior parte do país, a preferência é pelo pronome “você”. Dessa forma, a construção do modo imperativo se dá com verbos na 3ª pessoa. Segundo Scherre (2005, p.120):

A regra de formação do imperativo formulada pela tradição normativa descreve adequadamente a expressão do imperativo na escrita sem diálogo. Todavia, esta mesma regra não reflete o uso do imperativo na língua falada de parcela significativa dos brasileiros.

Bagno (2009, p.202) amplia esta compreensão mostrando que as formas que são derivadas do modo indicativo e subjuntivo não têm relação somente com a alternância do uso dos pronomes pessoais “tu” e “você” “como as regras tradicionais tentam mostrar, mas com fatores mais complexos: a origem regional do falante, o uso falado ou escrito da língua, a busca de uma fala mais monitorada etc.” Isso mostra também, dentre outras coisas, que na formação do imperativo negativo as formas derivadas de “tu” não são usadas.

Encerramos, assim, a análise dos resultados obtidos, na certeza de que eles podem nos proporcionar uma nova visão sobre os fenômenos variáveis do Português Brasileiro e novas perspectivas para velhas discussões e polêmicas, no que tange à língua e seus desdobramentos na busca pelo reconhecimento da identidade sociolinguística brasileira.

## **Conclusão**

Ao longo desta pesquisa, questionamos e analisamos uma série de fatos extremamente relevantes sobre a língua, seu caráter essencialmente heterogêneo, sua ligação intrínseca com a sociedade e seu natural comportamento mutável e adaptável. Este trabalho, portanto, nos fez pensar e repensar numa gama de possi-

bilidades e aspectos linguísticos e sociolinguísticos que demonstram um pouco da complexidade deste fenômeno tão vivo quanto o povo que dele se utiliza em todas as suas relações pessoais, sociais, políticas, afetivas, profissionais, culturais etc., nos apontando caminhos para a definição e aceitação de nossa verdadeira identidade sociolinguística.

Do modelo teórico-metodológico da sociolinguística laboviana, compreendemos que a relação intrínseca entre língua e sociedade, a mudança e a variação, e a já evidente diversidade linguística brasileira nos ajudam a compreender a possível existência dessa identidade enquanto brasileiros e falantes de um idioma com características e aspectos que nos representam e com a qual nos identificamos e nos reafirmamos.

Dos dados analisados, apresentamos a existência de elementos que compõem algumas das variedades verdadeiramente faladas no Brasil, evidenciando a importância do reconhecimento dessas formas como marcas de uma língua que caminha para se tornar brasileira. Esses dados também nos proporcionaram uma profunda reflexão sobre até que ponto os brasileiros se identificam e se reconhecem como usuários dessa língua, mostrando-nos o quanto ainda se necessita pesquisar e analisar fenômenos variáveis que promoverão novas discussões sobre fatos da língua.

Com isso, mostramos como há na fala brasileira marcas que demonstram características de uma língua nacional com o mesmo nome, resgatando a nossa verdadeira identidade sociolinguística e apontando perspectivas futuras para a consolidação e formação de uma norma que contemple as muitas variedades usadas no Brasil, bem como uma nova forma de olharmos para a língua e um novo ponto de vista nos estudos sociolinguísticos. Isso foi possível, pois, como aplicamos os testes para alunos escolarizados, eles conhecem as formas consideradas “certas” previstas pela gramática, contudo, por se tratarem de variedades da língua falada representadas na escrita, este fato mostra que a maioria desses fenômenos já se encontra em textos escritos pelos falantes cultos – aos que têm acesso à educação superior.

Buscar essa identidade significa buscar algo que represente este país, esta nação e este povo em sua totalidade, respeitando o que todos possam falar, evocando a necessidade quase obrigatória de fazer com que os milhões de brasileiras e brasileiros se reconheçam como falantes de um idioma nacional (no que diz respeito ao reconhecimento das marcas dessa identidade sociolinguística), de uma

língua que, no futuro, poderemos chamar de brasileira e que, acima de tudo, possamos trilhar esse caminho imaginando que há muito para se fazer, há muito para se pesquisar, para se analisar e para se concluir, porém, que este trabalho nunca cessará. A cada dia, podemos refazê-lo e a cada passo, poderemos encontrar novos trajetos, novas pistas e novos atalhos. Essa é uma longa jornada ainda em devir, este nosso trabalho é apenas uma pequena pegada, diante desta imensa estrada chamada língua.

## Referências

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 3.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003, p.21-47.
- BAGNO, M. *Não é errado falar assim!* Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. 2.ed. São Paulo: Parábola, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Português ou brasileiro?* Um convite à pesquisa. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2002.
- CALLES, D. C. Considerações sobre estratégias alternativas aos clíticos de terceira pessoa na representação do acusativo anafórico. *Revista Letras Magna*. São Paulo, n. 4, p.1-20, 1º sem. 2006.
- CALVET, L. J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução: Marcos Marciolino. 3.ed. São Paulo: Parábola, 2007.
- GALVES, C. A Gramática do Português Brasileiro. In: *Língua e Instrumentos Linguísticos*. São Paulo, v. 1, p. 79-96, 1998.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- RAJAGOPALAN, K. A construção de identidades: linguística e a política de representação. In: \_\_\_\_\_. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003, p.71-80.

**Linha d'Água, n. 25 (1), p. 29-45, 2012**

RONCARATTI, C. Prestígio e preconceito lingüísticos. Dossiê: preconceito lingüístico e cânone literário. *Cadernos de Letras da UFF*. Rio de Janeiro, n.36, p.45-56, 1.sem. 2008.

SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 8.ed. São Paulo: Ática, 2007.